



DEIXA-ME

Louca

Melanie Harlow

TOP
SEL
LER

AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY E DA AMAZON

Larga o teu guarda-chuva
Porque, amor, o que te quero dizer
É que houve sempre um arco-íris
Sobre a tua cabeça...

Vai ficar tudo bem.

Rainbow, Kacey Musgraves

Um

Griffin

Se observarmos uma chaleira, a água nunca ferve. No entanto, se observarmos um mecânico, ele fica a ferver num ápice.

Não me lembro que idade tinha da primeira vez que ouvi o meu pai dizer esta frase, mas ele estava coberto de razão. Não havia nada pior do que termos alguém a rondar, e o velho Dodson fazia-o constantemente.

— Tens mesmo de bater nisso com tanta força?

Cerra os maxilares. Conta até três.

— Sim.

— De certeza que estás a fazer isso bem?

Respira fundo. Não atires coisas.

— Sim.

— Vais demorar muito?

Sim, se continuares aí espedado, a fazer perguntas estúpidas.

Eu estava quase em ponto de rebuçado, mas não podia dar-me ao luxo de perder clientes, por isso virei-me com algo parecido com um sorriso no rosto.

— Já não deve demorar muito, Sr. Dodson. Porque é que não vai dar um passeio? Ou tomar um café e um dónute? Quando regressar, terei o seu veículo pronto.

O velho coçou a cabeça e puxou para cima as calças verde-relva.

— Sabes, a Swifty Auto disse que fazia isto em meia hora. E por menos dinheiro.

Agarrei na chave inglesa ainda com mais força. Maldita Swifty Auto. A cadeia de *fast food* da reparação automóvel. Volume alto, valor baixo, reparações baratas feitas à pressa, mas os clientes pareciam não se importar. Aparentemente, um candelabro na recepção, anúncios vistosos na televisão e bolachas gratuitas eram mais importantes do que um bom serviço.

— Bem, eles são uma loja maior. E têm uma filosofia diferente.

— Mas eu sempre trouxe os meus carros aqui, e o teu pai era um tipo bom e honesto. Sabia o que fazia. Suponho que também sejas um tipo bom e honesto.

— Foi ele que me ensinou tudo o que sei — respondi. *Por outras palavras, eu também sei o que faço, imbecil. Agora vai lá comer a porcaria de um donute e deixa-me acabar isto. Nem sequer tinhas marcação, fiz o favor de arranjar tempo para ti.*

O Dodson exalou e desistiu.

— Então acho que vou dar uma volta.

Vi-o afastar-se para o passeio e começar a sua lenta caminhada de velhote pela Main Street, e voltei ao trabalho.

— Caraças, aquele gajo é chato — disse o McIntyre, o outro mecânico da Oficina de Bellamy Creek. A oficina era minha, mas ele trabalhava ali há quase tanto tempo como eu. Também tínhamos um ajudante — um tipo para «empilhar os pneus» — cujo verdadeiro nome era Andy, mas a quem chamávamos Dá-Cá, porque estávamos sempre a dizer-lhe *dá cá essa chave de fendas, ou dá cá o pano, ou dá cá a porca de 10 milímetros que acabei de deixar cair no poço do motor e não consigo encontrar nem por nada.*

— Pois é, mas pelo menos paga a conta. — Vi as horas no relógio de parede. — Eh, onde raio está o Dá-Cá? Julguei que ele entrava às 7, mas já são quase 9 horas.

— Acho que teve de levar a Lola a um sítio qualquer.

— Ah, pois. Falou disso ontem. — Abanei a cabeça e voltei ao trabalho sob o capô do *Buick* do Dodson. — Coitado.

— Como assim, «coitado»? Farta-se de dar quecas.

— Está completamente apanhado por aquela rapariga.

— E então?

— Então, é o *Dá-Cá*. Ela vai comê-lo vivo e cuspir-lhe os ossos.

O McIntyre riu-se por baixo de um *Ford Mustang*.

— Ele é capaz de gostar disso. Eu gostaria.

— Tu e a Emily estão outra vez zangados? — O McIntyre estava noivo e com casamento marcado dentro de seis meses; se ele e a sua noiva complicada conseguissem manter-se juntos até lá.

— Ela acabou comigo na noite passada.

— O que foi desta vez?

— Sei lá. Acho que disse que eu era «um cabrão insensível que não se rala com nada importante». Mas por «importante» ela refere-se a coisas como a cor das flores na igreja ou o sabor do bolo ou em que lugar se senta cada pessoa na cerimónia. Quero lá saber dessas merdas! Não é importante!

Não podia concordar mais, mas fiquei de boca calada.

— São só tretas — continuou ele. — Porque é que não podemos dizer «sim» na conservatória e depois ir beber umas cervejas, como as pessoas normais? Até vou de fato.

Ri-me.

— Confundes-me. Foste tu que a pediste em casamento.

— Eu sei, mas parece que ela perdeu a cabeça com esta cena toda. Dantes era tão divertida. Costumávamos ouvir música e falar de merdas importantes, como carros e basebol. Agora, a única coisa que fazemos é discutir. Tenho de lhe pedir desculpa umas dez vezes por noite.

— Então não peças. Deixa que seja ela a rastejar para ti uma vez na vida.

— Isso podia levar semanas, Griff. Não posso esperar tanto tempo para ter sexo. Nem todos temos a disciplina de um monge celibatário, como tu.

— Não sou celibatário, idiota. Só não sou escravo da pila, como todos os outros que trabalham aqui.

— Mas não sentes falta? — perguntou McIntyre.

Ele estaria a brincar? Claro que sentia. Mas desejar alguma coisa ou alguém a todo o custo torna-nos fracos, e eu orgulhava-me de ser forte. Claro que era um ser humano como todos os outros e, ocasionalmente, um rabo giro com calças de ganga justas levava-me a melhor, mas seguia sempre as minhas regras: eu era um caso de uma noite, usava sempre proteção e nunca ficava para dormir.

— Há coisas na vida mais importantes do que o sexo — disse eu.

— Como o quê? — O McIntyre parecia genuinamente curioso.

— Como manter este negócio vivo apesar de estarmos a perder clientes e a Swifty Auto estar a caçá-los. Como arranjar tempo para formações práticas, para nos mantermos atualizados com os diagnósticos avançados. Como obter aquele pequeno empréstimo empresarial para poder pagar publicidade, outro mecânico e melhores ferramentas e software. — Endireitei-me e peguei num pano de limpeza azul. — Como ganhar o campeonato.

Ele rolou de debaixo do *Mustang* e olhou para mim, com expressão sombria.

— Ámen, irmão.

Eu e o McIntyre jogávamos pelos Bellamy Creek Bulldogs, numa liga a que a minha irmã chamava «basebol para velhotes». É verdade, tínhamos todos mais de 30, já não éramos ágeis nem rápidos como no secundário e consumíamos *muito* mais cerveja, mas levávamos aquilo muito, muito a sério. Vivíamos para aqueles jogos de quinta-feira à noite, celebrando cada vitória — e afogando as mágoas após cada derrota — no The Bulldog Pub, o nosso patrocinador. E parecia que este ano a final nos oporia aos nossos maiores rivais, os Mason City Mavericks. Tínhamos ganhado o título nos últimos dois anos, e eles estavam ansiosos por vingança.

— Vens ao treino esta noite, não vens? — perguntei.

O McIntyre era o nosso médio. Não era um grande batedor, mas era rápido e tinha bom braço para lançar.

— Claro que sim. — Fez uma pausa. — Se a Emily concordar.

Abanei a cabeça — aquele gajo não tinha remédio — e larguei o pano.

*

Fechei a oficina pouco depois das 17 horas e voltei a entrar no edifício por uma porta no extremo esquerdo da fachada, que abria para a escadaria que levava ao meu apartamento. A oficina era, de facto, um antigo quartel dos bombeiros com duas plataformas. O edifício já estava desocupado pelo menos há uma década quando o meu avô o comprou em 1955 e o transformou numa estação de serviço. O meu pai assumiu o comando no princípio da década de 1970, quando o meu avô se reformou. Nessa altura usavam o segundo andar por cima do átrio como armazém, porém, depois de eu sair dos *Marines*, há quatro anos, o meu pai deixou-me converter o espaço em residência.

Não era esse o plano, claro, mas a vida como eu a imaginara já não era uma opção. Portanto, devolvi a aliança, retirei a proposta para a compra da casa, bebi até ao esquecimento e, de um modo geral, comportei-me bastante mal durante uns meses antes de o meu pai e os meus três melhores amigos me dizerem para parar de me armar em parvo, porque a vida continuava.

Ter um projeto ajudou, e o meu amigo Enzo Moretti, que era pedreiro, trabalhou comigo no apartamento depois das horas de expediente. Houve algo de catártico em passar as minhas horas livres a erguer paredes.

Era um espaço cavernoso, com tetos altos, tijolo exposto e soalhos de tábuas largas. O meu quarto e a casa de banho ficavam na parte de trás, e a entrada era basicamente uma grande sala retangular, com uma cozinha num canto e uma área de estar junto das três janelas frontais que davam para a Main Street.

Graças às conexões do Moretti, consegui bons materiais a um preço acessível — sobras de ladrilho e granito da nova casa de férias de alguém, soalho de madeira reciclado de um negociante de madeiras,

portas e ferragens resgatadas de velhos celeiros e quintas, e até alguns dos pormenores originais do próprio quartel de bombeiros. Aos olhos de um decorador, as coisas podiam não condizer muito, mas isso não me incomodava.

A única coisa que eu ainda desejava era ter um pouco de terra. Se alguma vez a pudesse comprar, queria um lote a que chamasse meu. Durante toda a sua vida, o meu pai falara de poupar o suficiente para comprar um terreno decente quando se reformasse. Planeava mudar-se para o campo e passar os dias a reparar carros antigos num celeiro, a pescar sempre que lhe apetecesse e a ensinar os netos a jogar às cartas.

Infelizmente, um ataque cardíaco levava-o, juntamente com os seus sonhos, demasiado cedo.

«Trabalhou tanto que morreu novo», disse a minha mãe no dia do funeral. «Não faças isso, Griff. Não era o que ele queria para ti. Arranja outra maneira de o homenagear.»

Mas o meu pai trabalhara que se desunhara para manter o negócio do *seu* pai vivo, e macacos me mordessem se eu o deixaria perder-se nas minhas mãos. Se isso significasse trabalhar mais horas para manter a lealdade dos nossos clientes, que assim fosse.

Mas esta noite havia basebol.

Esfomeado, fui ao frigorífico esperando um milagre, como se pudesse ter lá uma lasanha caseira esquecida. Ou um bife com batatas. No mínimo, uma empada de frango.

Não tive sorte. Como era óbvio, tinha-me esquecido outra vez de ir às compras.

Com um resto de carne enlatada e meio pão, fiz uma sanduíche que comi enquanto mudava de roupa para o treino.

Estava a correr para as traseiras do edifício, onde tinha a carrinha estacionada, quando o meu telemóvel tocou.

— Estou?

— Como está o meu irmão mais velho favorito?

— Queres dizer o único irmão mais velho que tens? — Saltei para a carrinha, atirando a luva para o banco do passageiro.

— A sério, Griffin, como *estás*? Já te disse como estás bonito hoje?

— Estamos ao telefone, Cheyenne. — Liguei o motor. — Nem sequer me podes ver.

— Então acho que devias vir ao abrigo para eu to poder dizer a sério.

— E que mais? — perguntei, porque conheço a minha irmã mais nova.

— E mais nada — disse ela.

— Contigo há sempre mais *alguma* coisa, Cheyenne. — Engatei a marcha atrás e saí do estacionamento nas traseiras do edifício. — E nunca me elogias. Deves precisar de alguma coisa.

— Tão desconfiado — ralhou ela. — Francamente, estou ofendida.

— Hum-hum.

— Só queria ver-te.

— Pois.

— E mostrar-te uma coisa.

— Uma coisa que é um animal que queres que eu resgate?

— Não, Senhor Sabe-Tudo, não é um *animal* que quero que resgates. — Fez uma pausa. — É só um gatinho. Um gatinho minúsculo e órfão — enfatizou, depois de me ouvir gemer.

— Para com isso. Não vou acolher mais animais. Cagam em todo o lado. Roem coisas.

— Por favor, Griff? Foste tu que trouxeste a gata vadia já grávida para o abrigo.

— Porque não queria um animal de estimação e ela não saía da minha porta. — Claro que isso tinha acontecido porque eu a alimentara, mas tivera pena dela.

— Bem, os bebés estão prontos para serem adotados e quebra-me o coração vê-los lá todos os dias. Levava um, mas sabes que a mãe é alérgica. E sabes que entreguei a minha casa para ir viver com ela depois das cirurgias.

— Estou perfeitamente informado do teu sacrifício, Cheyenne. — A minha irmã adorava trazer isto à baila, para me fazer sentir culpado

e me convencer a fazer coisas. E funcionava sempre: eu não tinha hipótese de sobreviver se voltasse para casa. Adorava a minha mãe, mas ela punha-me doido.

— Quanto tempo tenho de ficar com ele?

— Não muito, prometo. Só até eu lhe arranjar um lar permanente, e de certeza que vou conseguir daqui a um mês, quando as aulas começarem.

A Cheyenne era educadora no infantário da nossa antiga escola primária.

— Está bem — disse eu contrariado, dirigindo-me ao campo. — Mas não posso ir buscá-lo agora. Estou a caminho do treino.

— Nem pensar que eu interferiria com o basebol para velhos — disse ela, rindo. — Vem ao abrigo amanhã. Terei os documentos prontos.

— Sabes, não devias troçar de mim quando acabei de concordar fazer-te um favor. Ainda posso mudar de ideias.

Ela riu-se de novo.

— Não, não podes. Eu conheço-te, Griffin Dempsey. Granito por fora, manteiga por dentro. És como um cone de gelado de máquina coberto de chocolate. És como um ovo *Cadbury*. És como...

Desliguei-lhe o telefone na cara. Grande chata.

*

Depois do treino, a maior parte da equipa foi ao The Bulldog Pub para umas cervejas, pizza e muitos insultos aos Mavericks. Eu sentei-me a uma mesa na rua com o Cole Mitchell, a nossa estrela dos lançamentos, e o Moretti, o nosso segunda-base e corredor mais rápido.

— Vamos esmagar aqueles cabrões — disse o Cole. — Nem vão perceber o que lhes caiu em cima. — Estremeceu quando ajustou o saco de gelo que tinha no ombro.

O Cole era um polícia que enviudara cedo demais, e era agora um pai sozinho com uma menina que adorava. Enquanto vizinhos,

tínhamos crescido lado a lado e éramos melhores amigos desde que aprendêramos a falar. Ele era o melhor ser humano que eu já conhecera, franco e honesto, se bem que um pouco em negação quanto à capacidade de a nossa equipa derrotar os Mavs. A verdade é que não era o único.

— Sem dúvida — concordou o Moretti, erguendo a garrafa de cerveja. Trabalhava para a Moretti & Sons, a empresa de construção da família, e éramos amigos desde que a família dele se mudara para Bellamy Creek, quando andávamos no ciclo. — Vamos dizimá-los. E vou roubar-lhes a base, tal como fiz da última vez. — Mexeu-se desconfortavelmente na cadeira. — Espero que a minha lesão na virilha já esteja melhor nessa altura.

Ri-me e dei um grande gole na cerveja.

— Não me deixem ficar mal, seus sacanas. Esta noite não estivemos mal. Boas batidas. Bons lançamentos. Os Mavs são duros, mas não me desagradam as nossas hipóteses, desde que vocês não se transformem num bando de velhotas nas próximas duas semanas.

— Onde é que está o Beckett esta noite, já agora? — perguntou o Cole, pegando noutra fatia de pizza. — Acha que é demasiado bom para treinar, ou o quê?

O Beckett Weaver era o único do nosso quarteto de amigos de infância que saíra de Bellamy Creek para a faculdade e não regressara — pelo menos diretamente. Nenhum de nós ficara surpreendido, porque ele fora sempre o mais esperto nos estudos. Sempre notas máximas, discurso na cerimónia de graduação, bolsa de estudo para uma escola da Ivy League. Depois de completar dois cursos, instalara-se em Manhattan para trabalhar em finanças, odiando de morte cada segundo. Tinha crescido numa quinta e concluiu que sentia demasiadas saudades dela, por isso, há três anos, deixara a Big Apple para trás e voltara a casa, para ajudar a gerir a criação de gado da família.

Para a equipa, isso tinha sido fantástico, porque o Beckett fora sempre o melhor batedor de todos nós. Eu vinha logo a seguir e era

muito bom primeira-base, mas contra os Mavericks precisávamos de todos os músculos que pudéssemos arranjar.

— Não, disse que tinha uma coisa qualquer para fazer esta noite — expliquei.

— Mudar as vacas de sítio, provavelmente. — O Cole riu-se e abanou a cabeça. — Esse gajo passa mais tempo a mover as vacas pelo terreno do que a fazer outra coisa qualquer. Não sei como aguenta.

— É melhor do que estar preso atrás de uma secretária todo o dia — disse eu. — Nem sei como ele aguentou fazer isso durante tanto tempo.

— Eu sei: estava a ganhar milhões de dólares — disse o Moretti, tentando chamar a atenção da empregada para pedir outra cerveja. Não demoraria muito: a sua aparência garantia-lhe os olhares de praticamente todas as mulheres na sala entre os 12 e os 90 anos. Tinha sido sempre o charmoso do grupo, capaz de seduzir qualquer pessoa para se livrar de sarilhos: professores, diretores, treinadores, raparigas. Até as mães o adoravam.

«São os olhos negros», dissera a minha mãe uma vez, com uma expressão sonhadora um pouco exagerada. «Parece que queimam.»

Claro que a empregada, uma rapariga bonita de 20 e poucos anos, com longos cabelos louros e um sorriso tímido, veio a correr perguntar o que podia fazer por ele. O Moretti lançou-lhe o seu olhar ardente e pediu outra cerveja, e ela suspirou antes de dizer que a trazia já, apressando-se a entrar no *pub* sem receber mais pedidos. Eu e o Cole trocámos um revirar de olhos.

— Então, o Beckett disse-te alguma coisa acerca do pai? — perguntou o Moretti.

— O pai? — Semicerrei os olhos para ele, do outro lado da mesa. — Não. Porquê?

— A minha mãe encontrou-o há dias na mercearia e ele parecia confuso. Como se não se lembrasse de como ali chegara.

— Ui. Isso não é bom. — O Cole voltou a mover o gelo em cima do ombro. — Envelhecer é uma treta.

— Não somos assim tão velhos — disse o Moretti. — Quase nem temos 30.

— Temos 32 — corrigi eu.

— Está bem, temos pouco mais de 30, mas qual é o problema? Ainda temos bom aspeto. — Sorriu para a empregada, que pousava a cerveja.

— Podes trazer-me outra, por favor? — pedi eu.

— Claro — disse ela, antes de relancear o Cole. — E o senhor, agente Mitchell?

Ele pensou um pouco e abanou a cabeça.

— Não, é melhor ir para casa.

— Está bem, trago já a sua conta. — Sorriu-lhe e recolheu o seu prato vazio.

— Acho que ela gosta de ti, agente Mitchell — disse eu com uma gargalhada, inclinando a cadeira até ficar só sobre duas pernas.

O Cole revirou os olhos.

— Vai-te lixar.

— Não, o Griff tem razão — disse o Moretti com um sorriso. — A mim, não me chamou pelo nome. Talvez devas convidá-la para sair.

— Não. — O Cole foi categórico.

— Porquê?

— Bem, além de ela parecer pouco mais velha do que a Mariah, já nem sequer sei como é que se convida uma rapariga para sair. Não tive de o fazer desde o secundário.

— Não mudou nada — garantiu-lhe o Moretti.

— Quantas vezes tenho de dizer: estou bem assim — insistiu o Cole, levantando as mãos. — Não quero namorar com ninguém. Vivo com a minha mãe. Estou a criar uma filha. Já tenho mulheres que me cheguem.

O Moretti olhou para mim.

— E tu? Qual é a tua desculpa?

Encolhi os ombros.

— Sou mais esperto do que vocês, imbecis.

O Moretti abanou a cabeça.

— Caramba. Vocês são mesmo um par de velhos. Vão acabar como os velhos dos Marretas, o Statler e o Waldorf, sentados nas bancadas, sozinhos, a assistir aos jogos dos Bulldogs e a dizer mal de tudo.

O Cole riu-se.

— E tu estarás onde?

— Oh, nessa altura a mulher e os filhos já me conduziram a uma morte precoce.

Franzi uma sobranceira.

— Não sabia que tinhas mulher e filhos.

— Não tenho. Pelo menos, ainda não. Mas é inevitável. Na minha família, tens de ter uma mulher, de preferência italiana, definitivamente católica, e um monte de filhos. São dispendiosos, barulhentos e põem-te maluco, mas depois podes passar o resto da vida a fazê-los sentirem-se culpados acerca de merdas. — Encolheu os ombros e pegou na cerveja. — São assim as coisas. É o ciclo de vida dos Morettis.

Ri-me.

— E onde é que vais arranjar essa mulher? Já conheces todas as raparigas italianas desta vila e a maioria são aparentadas contigo.

— Não estou preocupado — disse o Moretti, erguendo a garrafa para o céu. — Julgo que, desde que tenha fé, ela vai aparecer quando eu menos esperar.

Nesse exato momento, ouvimos um grande estrondo perto de nós, na rua. Como os barulhos altos e repentinos me desencadeiam uma reação de grande alerta — um resquício das minhas três missões no Afeganistão —, pus-me logo de pé e avaliei a situação, com a adrenalina aos saltos. Mas ficou imediatamente claro que a fonte da explosão era um pneu rebentado.

O Cole e o Moretti também se levantaram, e vimos um *MG* vermelho, *vintage*, vacilar precariamente antes de saltar por cima de um pilar de cimento e se deter no passeio, mesmo em frente à União de Crédito de Bellamy Creek, o que me fez perceber que o condutor fizera exatamente o que não se devia fazer depois do rebentamento de

um pneu — entrar em pânico e travar. Felizmente não havia nenhum carro estacionado à frente do banco a esta hora, e o passeio também estava vazio. Mesmo assim, o condutor devia estar bastante abalado, ou mesmo ferido.

Sem trocarmos uma palavra, corremos os três para o carro. Assim que nos aproximámos, vimos que tinha sido o pneu traseiro do lado do pendura que rebentara. O condutor abriu a porta e saiu do carro, o que requereu algum esforço porque parecia estar a usar... um grande vestido de noiva branco.

— Cum caraças. — O Moretti segurou a cabeça com ambas as mãos. — Eu estava a brincar!

Ficámos a olhar enquanto a mulher se dirigia a nós, analisando cada detalhe. O longo vestido sem alças. A tiara encavalitada no topo do seu cabelo louro-escuro. As luvas brancas cobrindo-lhe os braços até aos cotovelos. A expressão de choque. Tinha o ar de uma princesa da Disney muito confusa, como se estivesse a caminho do Reino Mágico e não fizesse a mais pequena ideia de como tinha ido ali parar.

Mas era inegavelmente bonita, com olhos verdes afastados e um lábio inferior cheio, e apesar de algo nela indicar S-A-R-I-L-H-O-S, o meu instinto imediato foi de proteção.

— Estás bem? — perguntei.

Ela pestanejou para mim.

— Isto é o Céu?

— É Bellamy Creek — informou o Cole. — Precisa de ajuda?

— Eu... — começou ela. Depois os seus olhos fecharam-se, os joelhos dobraram-se e o seu corpo começou a tombar e a ser engolido pela enorme nuvem branca.

Corri para ela e amparei-lhe a queda.

Dois

Blair

Admito que não sou muito boa condutora. Tenho um péssimo sentido de orientação, não percebo nada de carros e sofro de uma infeliz tendência para esbarrar em coisas como bermas, para-choques de outras pessoas e objetos fixos aleatórios, como postes telefônicos ou bocas de incêndio. Uma vez, por acidente, colidi com uma magnólia lindíssima, mas acredito sinceramente que a culpa não foi minha, pois virei para uma rampa de acesso errada e a árvore apareceu sem aviso onde antes nunca aparecera uma árvore.

Mas era capaz de jurar que não havia nada na estrada à minha frente quando BUM! Foi como se algo explodisse debaixo do meu carro.

Assustei-me e pisei o travão, que de repente deixou de funcionar como devia, o que desencadeou mais pânico e acabou com o carro a saltar por cima de um daqueles bloqueadores de estacionamento e a aterrar no passeio.

Ora bem, é aqui que a minha memória fica um pouco enevoada. Lembro-me vagamente de desligar o motor e ficar ali sentada um momento, a respirar pesadamente, segurando o volante e ouvindo o retumbar rápido do meu coração. Depois saí do carro, segurando a saia de tule do meu vestido com ambas as mãos e caminhando pelo passeio.

Foi quando os vi.

Três rapazes *ridiculamente giros*, ali, a olharem-me fixamente. Por momentos perguntei-me se teria batido com a cabeça e se aquele seria um momento tipo Feiticeiro de Oz, onde nada era real.

— Estás bem? — perguntou o que estava no meio. A sério, parecia o James Dean, mas mais alto e mais musculoso, com um braço coberto de tatuagens. Nem sabia que havia gajos tão giros na vida real.

Então fez-se luz: eu tinha morrido e não sabia.

Pestanejei para ele.

— Isto é o Céu?

— É Bellamy Creek — disse o que estava à direita do James Dean. Tinha os mais brilhantes olhos azuis que eu já vira. — Precisa de ajuda?

— Eu... — Ajuda? Sim, precisava de ajuda, mas não conseguia nem por nada lembrar-me porquê. A minha cabeça começou a rodar, a minha visão ficou enevoada e os meus joelhos cederam.

Afundi-me numa poça de tule.

*

Quando recuperei os sentidos, estava aninhada nos braços de alguém. Abri os olhos e percebi que o James Dean me devia ter apanhado antes de eu chegar ao chão.

— Senta-a no banco — disse uma voz mesmo atrás de mim. — Levanta-lhe os pés. — Senti que me baixavam gentilmente para uma superfície dura. Alguém me agarrou os pés e os levantou pelos saltos das sandálias, e outra pessoa pegou-me no pulso.

— Minha senhora! Consegue ouvir-me?

Assenti com a cabeça.

— Sim.

— Cole, será melhor ligar para o número de emergência médica? — O James Dean ajoelhou-se ao meu lado.

— Não, por favor — disse eu. Não sabia se chamar uma ambulância custava dinheiro ou não, mas, caso custasse, não podia deixar que isso acontecesse.

— Estou bem. Só fiquei tonta.

Ele examinou-me o rosto com uma expressão cética.

— De certeza?

Assenti com a cabeça, reparando nos seus olhos pela primeira vez. Também eram azuis, mas não de um azul penetrante, como os do amigo. Eram de um azul mais suave e fumado. Nebulosos e bonitos.

É possível que eu tenha gemido.

— Não me cheira a álcool, a pulsação está normal — disse o tipo que me segurava o pulso.

— Não bebi bebidas alcoólicas — disse eu com voz rouca. — Devo estar só desidratada.

O James Dean olhou para os meus pés.

— Moretti, podes ir até ao Bulldog para lhe trazeres água?

— É para já. Cole, continuas aqui?

O tipo que me verificara o pulso pousou-me o braço gentilmente em cima da barriga e examinou-me os pés.

— Tem alguma doença? — perguntou-me. — É diabética?

Abanei a cabeça. — Sente alguma dor?

— Não. É médico ou algo assim?

— Sou polícia. Chamo-me Cole Mitchell, este é o Griffin Dempsey. Pode dizer-nos o seu nome?

— Blair Beaufort.

— Onde é que vive?

— Atualmente estou entre moradas.

— E o que é que a traz a Bellamy Creek?

Tentei recordar-me.

— Acho que foi a tarte.

— A tarte? — O James Dean, isto é, o Griffin Dempsey, parecia confuso. — Qual tarte?

— Podes ajudar-me a sentar, por favor?

Ele pegou-me nas mãos e puxou-me devagar até eu ficar sentada, enquanto o agente Mitchell punha os meus pés no chão.

— Obrigada. — Fechei os olhos e respirei fundo algumas vezes, enquanto as peças da última hora voltavam a encaixar-se na minha mente. — Eu estava na autoestrada e vi aquele cartaz do restaurante de Bellamy Creek a anunciar a melhor tarte de maçã do Midwest desde 1957. Por acaso, adoro tarte de maçã. Como podia resistir?

— Oh, *essa* tarte. — O agente Mitchell suspirou e abanou a cabeça. — Bem, esse cartaz é antigo.

— Quer dizer que não há tarte? — perguntei, incrédula. Aquilo nem devia ser legal. Devia ser proibido continuar a anunciar uma tarte que já não existia.

— Bem, há tarte — disse ele. — Mas não essa tarte. Não a tarte do cartaz. Já não temos essa tarte desde que a Betty Frankel morreu e levou a receita para a cova.

— A sério?

— A sério. — Ele abanou a cabeça e suspirou tragicamente. — Caramba, tenho saudades dessa tarte.

— Também eu — disse o Griffin.

O amigo de cabelo escuro que tinha ido buscar água voltou e entregou-me um grande copo de esferovite com uma palhinha de cartão.

— Aqui tens.

Olhei-o por alguns segundos, um pouco receosa dos seus olhos pretos e ardentes e da sua fantástica estrutura óssea. Caramba, o que é que punham na água nesta terra?

— Obrigada.

Grata, bebi alguns goles. Depois, para o caso de esta vir de alguma mítica Fonte da Beleza, bebi mais alguns.

O Griffin tirou a carteira do bolso.

— Faz-me mais um favor, Moretti. Podes ir pagar a minha conta? Vou buscar o reboque.

— Claro. — O Moretti pegou no dinheiro que ele lhe entregava, mas ficou ali mais um momento, fitando-me como se eu fosse um fantasma.

— Que foi? — perguntei eu, enervada pela intensidade do seu olhar.

— Não és italiana, pois não?

— Não.

— Pelo menos és católica?

Abanei a cabeça.

— Não.

O Moretti parecia aliviado.

— Volto já.

— Também vou pagar — disse o agente Mitchell. — Ficas bem, Griff? Assim que me despachar, fico aqui com ela enquanto vais buscar o reboque.

— Está bem.

Um reboque.

Merda.

De certeza que isso iria ter um custo, mas não fazia ideia de quanto. A verdade é que eu tinha sido criada com todas as vantagens que o dinheiro podia comprar, mas continuava bastante ignorante em relação ao preço das coisas básicas.

Tinha muito que aprender, agora que estava por minha conta. De repente, tive uma consciência dura da realidade da minha situação. Engoli um pouco mais de água, desejando que fosse algo mais forte.

— Então, Blair Beaufort. Está alguém à tua espera em algum lado?

— O Griffin Dempsey relanceou o meu vestido. — Tipo... o altar?

Lancei-lhe um olhar divertido.

— Isto não é um vestido de noiva.

— Não?

— Não, é o meu vestido de debutante.

Ele escondeu mal o sorriso.

— Claro que é!

— Só estou a usá-lo porque não cabia na minha mala de viagem.

— E a coroa?

— Tiara. É a melhor que tenho, não queria que se esmagasse.

Ele ajustou o boné na cabeça e semicerrou os olhos para mim, claramente a perguntar-se se eu não teria um parafuso a menos.

Suspirei pesadamente.

— O meu carro é minúsculo, por isso a minha mala de viagem é pequena. Não cabia lá tudo.

— Porque não uma carrinha de mudanças?

Encolhi os ombros.

— Não tenho mobília.

— Tens um vestido de baile, mas não um sofá?

Empertiguei-me.

— Isto para mim não é só um vestido de baile. Usei-o na noite mais especial da minha vida, está bem? Dancei com ele e senti-me linda. Inspirada. Esperançosa. Como se a minha vida estivesse apenas a começar. É um sentimento ao qual preciso de me agarrar, sobretudo agora.

— Porquê sobretudo agora?

Funguei e desviei o olhar.

— É pessoal.

— Está bem.

Esperava sinceramente que ele me pressionasse para obter mais pormenores, e fiquei um pouco aborrecida quando não o fez.

— Se queres saber, as circunstâncias da minha vida mudaram recentemente, e já não disponho dos recursos de que dispus outrora.

— Lamento.

— A minha família está a passar tempos difíceis. — Continuei, como se ele me tivesse pedido mais.

— Acontece.

— O meu pai tomou algumas... decisões contabilísticas criativas, a que afinal chamaram evasão fiscal, e agora aguarda julgamento. Mas ele não é má pessoa... só fez escolhas erradas. — O pobre rapaz claramente não sabia o que dizer, mas parecia que eu não era capaz de parar (é um problema recorrente que tenho). — Tivemos de vender quase tudo o que tínhamos, até a mobília, só para cobrir os impostos

atrasados e as taxas legais. A minha mãe voltou para casa da minha avó, que lhe disse «Eu sempre te *disse* para não te casares com um Beaufort» e se ofereceu para me juntar a um velho rico do seu *country club*, mas eu disse que não, obrigada. Prefiro ser pobre do que ser a esposa troféu de alguém.

— Não te censuro.

— Depois tivemos uma grande briga, porque a minha família não está habituada a que eu me imponha. Pensaram que eu ia simplesmente fazer o que eles mandassem, como sempre fiz. Mas desta vez não. — Empinei o queixo. — *Desta vez, vou fazer o que eu quero.*

— E o que é?

— Vou começar de novo noutro sítio. Vou montar o meu próprio negócio.

— Que negócio?

— Uma pastelaria.

— Uma pastelaria? — O Griffin parecia surpreendido.

— Sim. — Sorvi o resto da água gelada. — Sempre adorei fazer bolos e, de facto, sou muito boa, mas os meus pais não me deixaram frequentar a escola de culinária.

— Porquê?

— Disseram que eu tinha de ir para a faculdade e escolher um curso apropriado, como História ou Francês. E eu escolhi.

— Qual?

— Francês. — Sorri maliciosamente. — E durante o meu ano no estrangeiro estudei secretamente com um *chef* de pastelaria francês. Claro que quando me licenciiei aceitei o emprego seguro que os meus pais queriam para mim, vivi no apartamento elegante que eles me deram e assisti a todos os eventos enfadonhos em que eles insistiram, nos quais bebi champanhe caro, dancei com homens de casaca e fingi que me divertia.

— Parece uma tortura.

— Era mesmo — confirmei, embora ele provavelmente estivesse a ser irónico. — Porque, por dentro, eu estava a morrer aos poucos.

Estava sempre a perguntar a mim mesma: «É só isto? Vou passar o resto da vida entediada e frustrada? Ser rica vale o preço da minha alma?».

— Não sei. A tua alma deve ser mais cara do que a minha.

— Então decidi tomar uma atitude, e nos últimos dois anos trabalhei na cozinha de um café todas as manhãs, clandestinamente, das 5 às 8. Depois corria para casa, lavava-me e chegava ao escritório às 9 horas. A minha família nunca soube.

— Que bom para ti. — Ele riu-se, e reparei na covinha no seu queixo.

— Qual é a piada?

— Não sei. — Voltou a ajeitar o boné. — É estranho ter de esconder um emprego dos pais.

— Se forem os meus pais, não tem nada de estranho. Seja como for, quando este enorme revés da fortuna aconteceu, decidi entender isso como um sinal de que precisava de escapar da minha antiga vida e recomeçar outra noutro sítio. E é isso que estou a fazer.

— Boa sorte.

— Obrigada. — Examinei-o, então, esperando que me contasse a sua história. Era polido corresponder, certo?

— Entããã — incentivei.

— Então, o quê?

— Então, e tu?

— Sou mecânico. Os meus pais aprovaram.

Esperei por mais.

— Só isso?

— Só isso.

— Sempre quiseste ser mecânico?

Ele dirigiu-me um olhar divertido.

— Falas muito.

— A conversação é uma arte perdida.

— Acho que tu a encontraste.

Suspirei, desistindo da arte e passando a temas mais práticos.

— Os danos do meu carro são muito graves? A reparação vai sair cara? Quanto tempo vai demorar?

— É difícil dizer.

Ele examinou o meu MG por um momento, depois pôs-se de gatas e espreitou para debaixo do automóvel.

— Devido ao buraco que atingiste, vais sem dúvida precisar de um pneu novo e algum trabalho na dianteira, mas és capaz de também precisar de travões. Que idade tem o carro?

— É velho.

— Sabes o ano?

— Acho que é de 1971.

Ele olhou-me.

— *Achas?*

Encolhi os ombros.

— Foi o que o tipo disse.

— Qual tipo?

— O tipo que mo vendeu na semana passada. Foi uma pechincha, porque estava há muito tempo no celeiro dele.

— Ui, isso não é bom. — O Griffin levantou-se e esfregou as mãos. — Faço uma revisão geral amanhã. Para garantir que é seguro.

— Mas quanto é que vai *custar*? Como já mencionei, não dispo-nho de grande liquidez.

— Logo se vê. — Olhou para o fundo da rua, na direção do *pub*, e coçou a nuca. As suas roupas estavam um pouco sujas e ele parecia ter transpirado, mas dei por mim a admirar os seus ombros largos e a cintura estreita. Aposto que tinha uns abdominais bem definidos. Na verdade, nunca tinha visto nenhuns pessoalmente, mas ele parecia ser o género de tipo que os teria.

— Queres sentar-te? — Arranjei-lhe espaço chegando-me para um lado do banco. Ele sentou-se, cruzando os braços diante do peito.

— Obrigado.

Eu não conseguia parar de olhar para os seus antebraços grossos, as mãos grandes.

— A propósito, obrigada por não me teres deixado cair. Deves ter reflexos rápidos.

Ele encolheu os ombros.

— Digamos antes que são bons instintos.

Ficámos sentados em silêncio por um momento e eu olhei para um lado e para o outro da rua.

— Esta parece uma vilazinha simpática. Cresceste aqui?

— Sim.

Estava à espera de que ele me perguntasse onde tinha crescido, mas não o fez.

— Belle Meade, Tennessee — anunciei mesmo assim. — É de onde sou. E estou a dirigir-me para um sítio chamado Cloverleigh Farms.

— Nunca ouvi falar.

— A sério? — Franzi a testa. — Bolas, espero que estivesse a ir na direção certa.

— Onde é que fica?

— Na Península de Leelenau.

Ele assentiu com a cabeça.

— Vais bem. Fica a cerca de três horas daqui, para norte.

— Que alívio — disse eu, tirando as luvas e abanando-as em frente da cara.

Após um minuto, ele perguntou:

— Vais mudar-te para uma *quinta*?

Ri-me.

— Isso surpreende-te?

— De facto, sim.

— Bem, não é *apenas* uma quinta. É também uma pousada com adega e restaurante. É gerida pela família, e eu estive lá há uns anos, num casamento, e apaixonei-me. É *linda*. E transmitiu-me uma sensação incrível. Se um lugar pudesse corresponder ao teu amor, ou desenvolver braços e abraçar-te, era o que este sítio faria. É por isso que vou para lá.

— Para sentir o abraço.

Não percebi se ele estava a gozar comigo ou não.

— Sim. Se o sentir outra vez, saberei onde pertença.

— Parece que tens tudo organizado.

Eu não tinha, nem por sombras, mas fiz figas e esperei que ele tivesse razão.

— Ei! Desculpem ter demorado tanto. — O agente Mitchell e o amigo de cabelo escuro voltavam a correr. — O Moretti esteve a namoriscar a empregada.

— E novidades? — murmurou o Griffin, pondo-se de pé.

— Ouve, reduzi em cerca de cinco minutos o tempo que levo habitualmente a conseguir o número de alguém — disse o Moretti. — Não precisas de agradecer.

O Griffin revirou os olhos.

— Vou à oficina buscar o reboque. Demoro dez minutos.

— Tudo bem. — O polícia sentou-se no banco e vimos o Griffin atravessar a rua a correr e entrar numa carrinha branca.

— Não te preocupes com nada — disse o Moretti. — O Griffin é o melhor mecânico que existe. Vai resolver tudo num instante.

— Espero que sim — disse eu. — Achas que ele consegue reparar o carro esta noite?

— Se alguém o conseguir, é o Griffin. — O agente Mitchell parecia confiante.

Isso fez-me sentir um pouco melhor. Aquelas mãos grandes tinham-me parecido extremamente capazes.

*

— Pronta para ir? — perguntou-me o Griffin quando acabaram de prender o meu pobre MG ao reboque. Foi preciso algum esforço, devido ao ângulo estranho em que eu tinha... hum... estacionado.

— Sim — respondi. — Vou na carrinha contigo?

Ele pareceu divertido.

— A não ser que queiras ir a pé. Mas não estarei por perto para te apanhar, se cáíres.

— Muito engraçado. Aceito a boleia, obrigada.

Ele abriu a porta do passageiro e eu reparei no banco da frente, tapado com um cobertor. Teria feito aquilo por mim?

Comovida, segurei a bainha do vestido e entrei, embora tivesse precisado de alguns pulos ao pé-coxinho, e quase solicitei um empurrão. Mas assim que me sentei no cobertor, reuni todo o tule à minha volta e acenei-lhe para fechar a porta. Percebi que ele estava a reprimir uma gargalhada.

A cabina da carrinha estava escura e cheirava a gasolina e a couro, o que era uma combinação extremamente agradável e masculina. Durante a viagem até à oficina, espreitei o perfil do Griffin e achei-o outra vez muito bonito. Queixo esculpido, nariz forte e direito, lábios cheios. Perguntei-me de que cor seria o cabelo debaixo do boné. Lembrei-me do azul dos seus olhos e o meu estômago deu um saltinho.

Mas provavelmente era um parvalhão. Alguma vez me tinha sentido atraída por um homem bom? Essa era outra coisa que eu planeava mudar na minha nova vida — acabavam-se os namoros com *playboys* com fobia ao compromisso, ou idiotas preguiçosos e presunçosos. Não voltaria a ser iludida por mentiras bonitas ou promessas ocas, e decerto não me interessaria por uma grande conta bancária. Sabia melhor do que ninguém com que rapidez o dinheiro podia desaparecer.

Quería alguém *bom*. Alguém *real*. Alguém *honesto*. Alguém com um grande coração e grandes sonhos, e se por acaso também tivesse uma grande pila, não me queixaria.

Mas haveria tempo para tudo isso mais tarde. O primeiro ponto da minha ordem de trabalhos era trabalhar em mim.

Logo a seguir ao centro da vila, o Griffin abrandou e passámos diante de um alto edifício de tijolo que parecia ter, no mínimo, uma centena de anos. Tinha dois pisos e meio e duas enormes portas em arco. A fachada estava iluminada pelos candeeiros da rua, e havia um

letreiro a dizer OFICINA DE BELLAMY CREEK. Por cima, gravado no cimento, mal conseguia distinguir o letreiro que dizia «Regimento 3».

— Isto era um quartel de bombeiros? — perguntei.

— Sim. — O Griffin virou para o estacionamento ao lado do edifício e manobrou com perícia a carrinha, enquanto eu admirava os pormenores arquitetónicos do velho quartel de bombeiros.

— É um edifício lindo.

— Obrigada. O meu avô comprou-o na década de 1950. Mas antes disso esteve vazio e a desmoronar durante anos. Ninguém sabia o que fazer com ele e estava prestes a ser demolido.

Dei um gritinho.

— Graças a Deus que ele o salvou.

— Todos lhe disseram que era uma ideia maluca, mas ele empenhou-se até ao tutano e comprou-o.

— Foi um salto de fé — disse eu, e fiquei com pele de galinha nos braços nus.

— Ou foi apenas teimosia. — O Griffin pôs a carrinha em ponto-morto. — O meu pai era igual, quando alguma coisa lhe falava ao coração.

Olhei-o.

— E tu?

— Eu?

— Sim. Estás disposto a dar um salto de fé quando algo te fala ao coração?

— Aprendi a não deixar que nada me fale ao coração.

Os nossos olhos encontraram-se no escuro.

— Porquê?

Por um momento, pensei que ele não iria responder, ou que me mandaria meter-me na minha vida, mas ele surpreendeu-me.

— Porque nunca acaba bem.

Queria perguntar-lhe o que é que lhe falara ao coração no passado e não correrá bem, mas até eu percebi que aquela era uma conversa demasiado pessoal, por isso calei a boca.

NUMA SÓ NOITE, TUDO PODE MUDAR. PARA OS DOIS.



A vida de Griffin muda de um momento para o outro quando assiste à aparatosa entrada de Blair na sua pequena vila de Bellamy Creek. Vestida de noiva e com uma tiara na cabeça, a condutora do *MG* que se estampa diante de Griffin e do seu grupo de amigos é claramente alguém que ali foi parar por engano. Mas, depois do acidente, Blair não tem para onde ir, e Griffin vê-se obrigado a oferecer os seus préstimos como mecânico, bem como o seu sofá para ela passar a noite.

Afinal, que mal poderá haver nisso? Ele é um profissional e ela tem um carro para arranjar. E embora ele se seja por regras muito rigorosas em relação às mulheres que leva para casa, Blair é apenas uma cliente a quem ele irá dar guarida por uma noite. A sua regra de não permitir que durmam em sua casa não se aplica neste caso.

Só que Griffin não estava a contar com a enorme atração que começava a sentir por ela e que não tardaria a fazê-lo repensar todas as suas opções de vida. E Blair não imaginava que iria encontrar naquela pequena vila tantas razões para ficar. Mas a data da sua partida já estava marcada, e nada a faria mudar de ideias. Ou será que sim?




«Deliciosamente indulgente e escandalosamente sexy,
Deixa-me Louca estabelece um equilíbrio perfeito
entre arrebatador, doce e escaldante.»

HELENA HUNTING, autora bestseller do *New York Times*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Romance Erótico

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789895649426



9 789895 649426 >